

Torcedores e torcidas: controle e resistências

Fans and Supporters: Control and Resistance

No Brasil, o campo de estudos sobre torcidas de futebol consolidou-se na segunda metade da década de 1990. A despeito de, naquele momento, já haver algumas importantes pesquisas sobre o tema, elas ainda eram assistemáticas. Foi em tal período que uma série de estudos oriundos, principalmente, da Antropologia, da História e da Educação Física começou a se debruçar sobre os rituais, a identidade, a organização e o comportamento das torcidas organizadas, que ganhavam destaque nos noticiários do país graças ao seu protagonismo em eventos violentos, que resultaram em feridos e mortos. Este foi o caso, por exemplo, da famosa “Batalha Campal do Pacaembu”, quando torcedores do Palmeiras e do São Paulo invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos. Diante desse contexto, o poder público começou a tomar uma série de providências e fortaleceu os mecanismos de controle sobre essas

torcidas. Mecanismos que constituem justamente o objeto de pesquisa de parte dos artigos do dossiê desta edição.

A outra parte debruça-se sobre o outro “lado da moeda”: a resistência a esses mecanismos e, também, ao atual processo de (hiper)mercantilização do futebol, que exclui a classe trabalhadora do espetáculo futebolístico e mina uma tradição popular de torcer, atomizando as arquibancadas. Hoje em dia, essa resistência é levada a cabo não apenas pelas torcidas organizadas e suas instituições representativas, mas, também, pelos novos coletivos de torcedores. Estes surgiram, em sua maioria, em meados dos anos 2010, quando o Brasil recebeu a Copa do Mundo de Futebol Masculino e passava por forte turbulência política, que levou ao *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores. Naquele momento, as ruas do país foram tomadas por protestos protagonizados tanto pelo campo da direita quanto pelo da esquerda. Mais recentemente, em 2020, em plena pandemia da Covid-19, os referidos coletivos e integrantes de torcidas organizadas tomaram a frente nas manifestações contra o governo Jair Bolsonaro e seus seguidores, que defendiam pautas antidemocráticas, como a

volta do regime militar. O fato de terem sido esses coletivos e integrantes – e não organizações políticas tradicionais, como os partidos e os sindicatos – a romperem o silêncio das ruas, certamente, é indicativo do (enorme) poder de mobilização do futebol no nosso país e de sua relação (umbilical) com a política.

O primeiro artigo do **Dossiê** – “Cinquenta anos de Gaviões da Fiel sob a ótica da Psicologia Social”, de Lurdes Perez Oberg e Marcello Alves da Silva Aguilera – visa compreender novas formas de se perceber as torcidas organizadas, dando destaque aos Gaviões da Fiel, durante seus cinquenta anos de história, sob a ótica da Psicologia Social. O segundo – “Corpo, hierarquia e formas de agir: Estética, política e ética nas barras bravas em Bogotá”, de John Alexander Castro Lozano – analisa as formas de constituição do corpo para a organização da hierarquia e suas formas particulares de atuação entre os torcedores, agrupados nas “barras bravas” de Bogotá. O terceiro – “Entre Torcidas Organizadas e Torcidas Antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências”, de Phelipe Caldas, Marianna Castellano Barcelos de Andrade, Roberto de Alencar Pereira de Souza Junior – compara os modelos das referidas torcidas. O

quarto – “Estudos sobre os torcedores de futebol: uma revisão sistemática”, de Cleyton Batista Sousa, Bruno Otávio de Lacerda Abrahão – faz um mapeamento da produção acadêmica brasileira sobre os torcedores de futebol. O quinto – “O Framing como forma de descrédito da mídia aos Barras Bravas mexicanos”, de Jorge Rosendo Negroe Alvarez – analisa o enquadramento na gestão midiática da violência no futebol mexicano. O sexto – “O legado do torcer em estádios após os Megaeventos esportivos: economia, apropriação do espaço e o turismo”, de Fillipe Soares Romano, Natália Rodrigues de Melo, Felipe Queiroz – busca elucidar e refletir como as mudanças estruturais para os megaeventos esportivos afetaram nas formas de torcer e nos novos usos de três equipamentos esportivos, o Maracanã, o Mineirão e a Neo Química Arena. E o último – “Torcidas organizadas de futebol e Polícia: confrontos, percepções e outros atores – o caso de Goiânia/Brasil”, de Fernando Segura, John Williams, David Wood, Flávia Alchuffi, Vitor Gomes, Luiz Rodrigues – analisa as interações entre torcedores organizados, policiais e outros atores envolvidos no futebol profissional na cidade de Goiânia.

Por sua vez, a seção **Paralelas** conta com dois artigos. O intitulado “Mesmo campo, diferentes cores de pele: A performance da raça e do colorismo no futebol brasileiro”, de Francisco Quinteiro Pires, investiga como processos de racialização e a ideologia do colorismo operam nos jogos de futebol disputados, na cidade de São Paulo, entre times de brasileiros negros contra times de brasileiros brancos entre 1927 e 1939 e em uma partida de 2003 registrada pelo documentário Preto contra branco. E o intitulado “Representações sobre corpos, práticas e costumes: uma análise dos anúncios publicitários do Jornal dos Sports (1930-1940)”, de Kelen Katia Prates Silva, analisa os anúncios publicitários do Jornal dos Sports como espaço de construção de representações que atendia a interesses múltiplos.

Já a seção **Entrevistas** apresenta uma conversa com o sociólogo Ramon Llopis Goig, professor titular da Universitat de València e autor de livros, artigos e investigações sobre futebol e identidade na Espanha e na Europa. Em tal entrevista, o referido professor apresenta suas considerações sobre o cenário contemporâneo e pandêmico, com maiores atenções para a Comunidade Valenciana.

Por fim, a seção **Poéticas** é constituída por uma narrativa inédita, “Um estádio estando país ou o Mineirão é uma esquina redonda”, do escritor e pesquisador carioca Luis Maffei, e um poema, “Vício da Gema”, do escritor mineiro Caio Junqueira Maciel. Ambas as produções são exemplos de que, se o universo do futebol, por vezes, é caracterizado por confrontos violentos, convertendo-se em um espaço belicoso e, fortemente, controlado e vigiado, como mostram alguns artigos desta edição, ele, também, alimenta a arte, a poesia. E, em um contexto de ataques sistemáticos à cultura, não seria essa uma forma de resistência poderosa? Uma forma de contraposição à barbárie e de afirmação da vida? De potencialização do desejo de seguir existindo e de lutar por novas formas de ser e viver?

Boa leitura!

Sorocaba, Belo Horizonte e Buenos Aires, 21 de setembro de 2022.

Silvio Ricardo da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil

Felipe Paes Lopes

Universidade de Sorocaba/Brasil

Verónica Moreira

Universidad de Buenos Aires/Argentina